

Maneiras de dizer: um estudo sobre textos de Carlos Heitor Cony e Contardo Calligaris

Saulo Gomes Thimóteo
Universidade de São Paulo
São Paulo - SP

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Guarapuava - PR

Resumo: O presente trabalho traça paralelos entre a forma discursiva do cronista Carlos Heitor Cony e do ensaísta Contardo Calligaris, para observar como é apresentada uma tentativa de conscientização política, por meio dos textos produzidos por eles. O primeiro usando uma linguagem nos modelos literários e o segundo expondo um acontecimento real a seu modo, tentam passar seus argumentos para público leitor, tornando-os, ao menos na intenção, mais críticos quanto ao fato apresentado. Para a efetuação deste, utilizar-se-ão os artigos publicados na Folha de S. Paulo: Espingarda de matar búfalo na curva, de Cony, e Roberto Jefferson e a Guerra dos Mundos, de Calligaris, além de, como embasamento teórico, os conceitos Crônica e Ensaio, bem como a crítica literária de Barthes, Arrigucci e Moisés.

Palavras-chave: Carlos Heitor Cony. Contardo Calligaris. Conscientização. Crônica. Ensaio.

Abstract: The present work compares the chronicler Carlos Heitor Cony's and the essayer Contardo Calligaris's discourses. The aim is to identify the way an attempt of political conscience, through the texts written by them, is shown. The first uses a literary models language, while the latter shows a real event to his own way, both them try to evidence their arguments to the reader, making them, at least intentionally, more critic to the presented fact. The data were collected by means of articles published on the newspaper "Folha de S. Paulo": "Espingarda de matar búfalo na curva", by Cony, and "Roberto Jefferson e a Guerra dos Mundos", by Calligaris. Moreover, as a theoretical base, the concepts of chronicle and essay, as well as the literary critics of Barthes, Arrigucci and Moisés also supported the analysis.

Key words: Carlos Heitor Cony. Contardo Calligaris. Consciousness. Chronicle. Essay.

1. Introdução

A Folha de S. Paulo, um dos maiores jornais diários do Brasil, conta com articulistas de diversas áreas, cada um com visões diferenciadas sobre o mundo. No Caderno *Ilustrada*, muitos intelectuais expõem seus argumentos sobre algum fato ou ocasião do cotidiano, utilizando-se, principalmente, da linguagem cronística. Quanto ao conceito de crônica, Arrigucci sugere: “Trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal. [...] A crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito.” (ARRIGUCCI, 1987, p 51-3).

Na *Ilustrada*, Carlos Heitor Cony e Contardo Calligaris, com formas diferenciadas de escrita, evidenciam um objetivo em comum: apresentar os fatos à população por um prisma que, à primeira vista, poderia passar despercebido.

Carlos Heitor Cony, em suas crônicas, opta pelo toque de romance. A crônica intitulada *Espingarda para matar búfalo na curva*, apresenta uma situação inverossímil, de um búfalo que procura uma igreja e depois um bordel; demonstra, assim, uma ideia típica de ficção. E é com seus diálogos e descrições dos ambientes e sensações, que passa ao leitor uma interpretação (maquiada) de eventos que acontecem nas esferas políticas e sociais.

Contardo Calligaris, psicólogo, sempre traz em seus textos uma comparação ou análise sobre algum tema, seja referente à sociedade, à política ou às artes. Em seu ensaio intitulado *Roberto Jefferson e a Guerra dos Mundos*, traça paralelos entre o porquê da espetacularização do deputado federal e o motivo do sucesso da refilmagem feita por Steven Spielberg. Seus artigos podem ser caracterizados como ensaios, graças aos argumentos que expõe, de forma a deixar transparecer claramente sua opinião sobre o tema proposto.

Cada um dos autores escreve atentando para o seu público leitor e seguindo o modo próprio de cada uma das duas formas. Massaud Moisés apresenta uma comparação entre a crônica e o ensaio: os dois tipos de texto “[...] caracterizam-se pela subjetividade, envolvem idêntico movimento do ‘eu’, mas enquanto o ensaio guarda sempre uma intenção, ainda que sob o disfarce da informalidade, a crônica, ou repele a intencionalidade ou deixa de ser crônica.” (MOISÉS, 1978, p. 251), ou seja, apesar de em ambos o autor deixar-se à mostra, na crônica ele adquire um tom mais imparcial, como no caso de Cony, um tom ficcional para tornar seus pensamentos mais diluídos dentro do texto.

2. A Espingarda

Com um estilo próprio, utilizando-se ora da crônica de análise ora da crônica ficcional, Carlos Heitor Cony entrelaça a realidade com os sonhos e incongruências de uma maneira limpa. Autor de vários romances, ele utiliza da mesma sutileza e perspicácia nas suas crônicas, expondo em um curto

espaço de linhas suas conclusões e questionamentos sobre algum aspecto da sociedade política, cultural e humana.

Na crônica *Espingarda de matar búfalo na curva*, veiculada no jornal Folha de S. Paulo, no dia 27 de julho de 2005, vê-se, entrando em um táxi, um búfalo pedindo para ser levado à igreja mais próxima, com a condição de ser apostólica romana. O taxista fica surpreso pelo estranho passageiro, mas o leva sem maiores discussões. Na igreja, o taxista vai até o padre, mas este se recusa a receber o búfalo, sem dizer o motivo, apenas “que o expediente fechou. Só atendo agora pedidos de extrema-unção. Quer um Alka-Seltzer?”. E, após o padre oferecer o digestivo, o taxista comunica ao búfalo que o padre não o quer receber. “Então me leva para Bond Street, 45”, responde o búfalo. Lá chegando, é um bordel, no qual a dona recebe o búfalo com grande euforia, dizendo que ele estava sumido. Após deixar o passageiro, o taxista corre à delegacia e conta a situação que passou com o búfalo. O delegado, após certificar-se de qual búfalo se tratava, disse simplesmente, “Não se pode fazer nada, meu filho. Ele tem imunidades parlamentares.”

Nesta crônica de Cony, vale ressaltar o modo como constrói seu texto, optando por diálogos e uma sucessão dinâmica de fatos existente na ação desenvolvida. Isso faz com que este estilo textual não se atenha a um período restrito de tempo, pode ter sido escrito há décadas, bem como manter-se atual daqui a cinquenta anos. O cronista precisa apresentar a cena recortada do cotidiano de maneira a atrair o leitor.

Às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo [...] Outras vezes, a tendência é para a prosa de ficção, pela ênfase na objetivação de um mundo recriado imaginariamente. (ARRIGUCCI, 1987, p. 55).

O cronista brinca com os elementos de sua narrativa, tornando-a mais acessível e, aparentemente, mais fácil de ser compreendida. E é por essa facilidade que o autor pega seu leitor e apresenta seus argumentos de modo a melhor fixarem-se na mentalidade crítica do receptor.

Um texto pode ser analisado pelo viés descritivo ou pelo interpretativo. No primeiro, acontece simplesmente uma dissecação do texto em fragmentos. O segundo prima pelas relações do texto com o leitor, com o autor, com a sociedade em que está inserido. (cf. FRANCO JR, 2003, p. 34). Como o texto literário em questão é uma crônica, veiculada em um jornal de circulação nacional, não se tem conhecimento de quantas pessoas leram o caderno *Ilustrada*, e, em específico, este texto. Não se pode saber em qual nível os leitores o analisaram, se pelo meramente descritivo, ou se extraíram do texto alguma interpretação mais crítica daquele evento, fazendo referência à situação atual.

Os sentidos que o texto impinge são ficcionais apenas no sentido de que seus personagens encontram-se numa situação no limiar kafkiano, isto

é, as metáforas que o autor utiliza devem passar ao seu leitor e este, por sua vez, deve desenvolver uma segunda leitura sobre a primeira, na qual observará os sentidos reais e as situações reais em que o autor se baseou para criar a ficção. Cony utiliza, neste texto, o que Roland Barthes chamou de escritura marxista, pois ela “[...] é litótica, dado que cada palavra não passa de uma referência exígua ao conjunto de princípios que fundamenta de maneira inconfessada.” (BARTHES, 1974, p. 129). Por meio da figura do búfalo, o autor cria uma sequência de raciocínios lógicos que farão com que um sentido mais crítico aflore: “O búfalo da história tem imunidades parlamentares. Mas búfalos de verdade não têm imunidades parlamentares, búfalos de verdade são somente búfalos. Quem, na realidade, possui imunidades parlamentares? Os políticos. Logo, o búfalo da história são os políticos da realidade”, aqui se cria o litote.

Aliada a esta metáfora, o autor utiliza-se da ironia para criar, além do humor, um sentido implícito para ser desvendado. Como Radamés Manosso aponta,

[...] ironia é a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar, geralmente o contrário, na qual o emissor deixa transparecer a contrariedade por meio do contexto do discurso, ou através da alguma diferenciação editorial, ou entoativa ou gestual. A função da ironia, geralmente, é crítica e impressionista. (MANOSSO, s/d).

Além disso, e como outros exemplos de ironia, Cony apresenta de maneira sutil alguns fatos que passam despercebidos à primeira vista. Como, por exemplo, a insistência do padre em oferecer um Alka-Seltzer ao taxista: ela era necessária para se concluir a digestão, ou o convencimento daquele homem, quer fosse para o fato de um búfalo estar à procura de um padre, quer fosse para amenizar a situação de a igreja encontrar-se fechada para todos, exceto àqueles que já estavam para morrer. Retomando aí a incoerência e o tom kafkiano que permeia toda a história.

A posterior ida do búfalo a um bordel em Bond Street, e sua recepção calorosa por parte da dona apresenta uma inverossimilhança tão extrema que, conforme Fernando Guimarães sugere, “[...] representa, precisamente, uma estrutura onde um desvio nocional cria uma oposição de sentidos que se projectariam num encontro inesperado de palavras.” (GUIMARÃES, 1972, p. 61). Assim, o leitor encontra-se diante do estranhamento e do embate entre a ficção e o real. É aí que ele deve questionar-se sobre as relações entre o texto e a sociedade. É aí que a ironia se faz presente e onde, após o estranhamento e a risada do leitor, devem instalar-se as indagações.

3. As duas guerras

Contardo Calligaris é um psicanalista que observa, como se nota em seus ensaios, a cultura e a modernidade que cercam a todos e que, exatamente por isso, poucos conseguem atentar para elas. Usa um estilo de escrita mais voltado para a interpretação, sempre com perspicácia e argumentação.

Em 2005, por ocasião dos escândalos políticos do recebimento de propina mensal, em declaração de Roberto Jefferson, e o lançamento da refilmagem do filme *Guerra dos Mundos*, contando sobre uma invasão alienígena e a imobilidade da raça humana diante do fato, Calligaris traça comparações entre os dois temas, interpretando, à sua maneira, os reais motivos da sobrevivência de Roberto Jefferson na mídia e a da raça humana no filme de Spielberg.

Segundo Habermas, existe, na era moderna, uma intensa interação social, a qual é a responsável por conservar e transmitir a cultura, por meio da identidade dos grupos e suas normas, além da capacidade de aprender e socializar-se, inata ao indivíduo. (cf. ARAÚJO, 1994, p. 202). Nos ensaios de Calligaris, esta ideia de transmitir a sua cultura, com o sentido de conhecimento de mundo que ele adquiriu, está margeada pelas suas impressões e por seus questionamentos, não sendo, contudo, hermético e unívoco.

Ensaio pode ser definido como o pensamento do autor, sem ater-se a nenhuma espécie de autoritarismo, é a busca incessante pela verdade, sendo que esta nunca é conclusiva, mas apenas uma das partes de um processo que jamais se finda. (cf. MOISÉS, 1978, p. 236). O ensaísta tenta expor o seu pensamento de maneira sucinta, contando com possíveis

[s]ondagens rápidas, *insights* como relâmpagos, iluminações fugazes, antes que a demorada análise ou a paciente investigação, que resultaria num edifício verbal laboriosamente construído, mas sujeito a toda sorte de mudanças de humor e, portanto, aos desequilíbrios estruturais. (MOISÉS, 1978, p. 229).

E com estes lampejos mentais, o autor consegue passar seu posicionamento de maneira clara ao leitor, para que este, por sua vez, crie seus próprios questionamentos, pois o autor, na figura de seus ensaios, também prima por uma constante atualização e, por meio da humildade e da ignorância assumida, sempre procura o aprimoramento de suas ideias.

A obra de Contardo Calligaris poderia seguir, ou melhor, dividir-se, nas quatro vertentes de classificação do crítico Estuardo Núñez (cf. MOISÉS, 1978, p. 228): “[...] ensaio ideológico ou afim da filosofia, teoria ou interpretação de algum fenômeno cultural.”, possíveis leituras de alguns acontecimentos, algumas declarações de figuras públicas; “[...] ensaio histórico que compreende o fenômeno cultural ou histórico-ideológico.”, como se percebe no fascínio que o autor demonstra ao escrever sobre as manifestações populares e suas tradições; “[...] ensaio literário que compreende a crítica, a glosa, a estimativa, ou a apreciação de obras ou fenômenos ou autores literários ou artísticos.”, em suas observações acerca de livros, filmes e outras artes; ensaio sociológico, observação de eventos ocorridos nas mais diferentes esferas da sociedade, indo da chacina na Baixada Fluminense aos discursos dos políticos.

Em qualquer uma destas classificações, Calligaris apresenta o discurso típico de um ensaísta, a liberdade que o texto em prosa proporciona,

uma ordenação de pensamentos, com introdução, desenvolvimento e uma conclusão, e a lógica psicológica, esta pelo diálogo que se trava entre o autor e o leitor, no qual o primeiro defende seus argumentos e o segundo, a princípio, ouve-os e formula outros que podem ser contrários ou favoráveis. (cf. MOISÉS, 1978, p. 238-9).

O ensaio jornalístico, em sua composição, tem um período de atualidade muito efêmero se comparado ao da crônica jornalística. Após a sucessão dos fatos, neste caso, o ensaio tornou-se um recorte de um determinado período. E é inserindo-o novamente neste contexto que ele volta a significar.

No ensaio intitulado, *Roberto Jefferson e a Guerra dos Mundos*, é apresentada a razão pela qual as duas peças que compõem o título fizeram tanto sucesso, quando de sua evidência pela mídia. Ambos apresentam um lado menos glorioso como triunfo. Conforme o autor aponta:

Sua atitude [de Roberto Jefferson] não é a de quem propõe um ideal ou se propõe como ideal (sempre improvável) para as crianças. Ele não pretende estar acima da gente, pois sua autoridade vem de suas manchas. [...] Ele nos fala, por assim dizer, de adulto para adulto. A conclusão é esta [do filme 'Guerra dos Mundos']: os humanos não são salvos pela sua inteligência nem pela duvidosa nobreza de seu caráter. O que salva o planeta e a gente é a nossa sujeira [...] Cuidado, os humanos são fracos, mas eles são indigestos. (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, E14, 07/07/05).

De um lado, vemos um deputado, envolvido em um esquema de corrupção, acusando vários outros políticos de também estarem envolvidos. Apesar de apresentar à população o que acontecia nos bastidores da política (de agora e de outros tempos), ele não deve ser considerado um herói, mesmo porque ele está no mesmo patamar daqueles que acusa.

Do outro, uma refilmagem de um clássico de cinema, que “[...] não celebra a excelência, o gênio e os músculos idealizados de nossa espécie, mas sugere que nossa força está em nossas misérias reais: bicho ruim não morre fácil.” Nela se percebe a impotência perante uma aniquilação iminente.

Em uma comparação, poder-se-ia notar que as figuras que representam o extermínio, Roberto Jefferson na política e os alienígenas no filme, são derrotadas exatamente por se tornarem tão sujas quanto seus alvos.

4. Conclusão

Uma maneira de a população melhor entender o que acontece à sua volta é atentar, não apenas para as notícias e relatos que a mídia apresenta. Deve-se, também, buscar interpretações de outras pessoas para, em um segundo momento, melhor fortalecer as argumentos próprios. Como nas questões envolvendo políticos e seu constante discurso de moralidade. As notícias que o jornal diário e as demais mídias apresentam são apenas um recorte isolado, lançado à população para que ela, por sua vez, interprete-as. Contudo, a grande massa brasileira faz parte do analfabetismo funcional, lê,

mas não compreende o assunto. Uma alternativa possível seria a de acompanhar textos nos modelos de crônicas e ensaios, para que uma interpretação mais aprofundada, uma maior análise dos fatos seja apresentada e instigue os leitores a fortalecerem a sua opinião.

O dever de artigos de jornal e revista, ao mesmo tempo em que tratam de algum assunto que diz respeito à população, é o de apresentar uma leitura mais aprofundada e menos técnica. Dessa forma, os leitores, ao mesmo tempo em que veem o texto como algo prazeroso – escrito em um estilo mais fluido que a notícia jornalística –, também apreendem os aspectos da realidade que passariam despercebidos em uma visão mais superficial dos fatos.

Não basta, contudo, apenas ler o que estes intelectuais têm para dizer. Deve-se, também, reinterpretar o seu discurso de maneira a parecer mais coerente aos olhos do leitor, e fortalecer ou desmentir o discurso mantido anteriormente. Seja como ficção, seja como defesa de argumentos, esses artigos sempre possuem algo a acrescentar e algo a desmistificar aos seus receptores. Há várias maneiras de auxiliar no despertar do senso crítico do leitor, e as crônicas funcionam como chamados para rever os acontecimentos da sociedade, iluminando-os por outros focos, obtendo diferentes sentidos, mais abrangentes e mais completos.

5. Referências

ARAÚJO, I. L. Habermas: o conceito de agir comunicativo. In: PAZ, Francisco Moraes (org). *Utopia e modernidade*. Curitiba: UFPR, 1994. p.p. 201-217.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BARTHES, R. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALLIGARIS, C. Roberto Jefferson e a Guerra dos Mundos. *Folha de S. Paulo*. 07 de abril de 2005. p. E14.

CONY, C. H. Espingarda de matar búfalo na curva. *Folha de S. Paulo*. 29 de julho de 2005. p. E16.

FACIOLI, Valentim. A fraude e a gaforinha. In: CRUZ JR., Dilson Ferreira da. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a Crônica de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin, 2002.

FRANCO JR., A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá:UEM, 2003.

GUIMARÃES, F. *Linguagem e ideologia*. Feira: Nova, 1972.

MANOSSO, R. *Elementos de retórica: ironia*. Disponível em: <<http://www.radames.manosso.nom.br/retorica/ironia.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2006.

MASSAUD, M. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.